

O PAPEL DO ETHOS PRÉVIO NOS DISCURSOS DE POSSE DE LULA

Edilene Gasparini Fernandes¹

RESUMO

Fazendo uso de recursos retóricos Lula apóia os textos de seus dois pronunciamentos presidenciais (2003 e 2007) principalmente em “lugares” como o do “novo”, da “pessoa” e da “qualidade”. Em cada um deles há a utilização do *ethos* prévio que, somado à idéia do uso dos “lugares”, bem como ao recurso do *pathos* reelabora a imagem atual sobre si próprio e produz o *ethos* discursivo final que tem como objetivo o convencimento da platéia por meio do despertar da credibilidade. A novidade desse estudo está em concluir que discursos tão díspares como o de FHC e o de Lula não se mostram analiticamente divergentes, já que suas construções se baseiam em características comuns como o excesso de substantivação abstrata. O que os torna aparentemente diferentes é o trabalho com os temas atuais que, em conjunto com o *ethos* prévio ao orador, resulta numa abordagem remodelada e atual.

Palavras-chave: Lugares. Discursos de posse. *Ethos* prévio. *Ethos* discursivo.

1. SOBRE O ETHOS PRÉVIO

Considerado por Aristóteles (1964, apud EGGS, 2005, p.29) uma das três provas mais importantes do discurso (*logos, ethos e pathos*), o *ethos* encontra-se praticamente ausente dos estudos atuais em lingüística, pragmática e teoria da argumentação, com exceção dos trabalhos de Dominique Maingueneau. Segundo ele, o *ethos* não é dito explicitamente, mas mostrado por meio das escolhas do orador (MAINGUENEAU, 1993, p.138).

Sem antecessores familiares dentro da política, privado de qualquer carreira acadêmica, diferentemente do que acontecia com FHC, Lula toma como

um dos pontos altos de seu discurso de posse, no primeiro mandato, de 2003, o contraste entre sua origem humilde e a chegada ao maior posto da Nação.

Amossy considera esse tipo de valor ligado ao orador como um *ethos* prévio, ou *ethos* pré discursivo, segundo Maingueneau (apud AMOSSY, 2005), o qual precede a construção do discurso porque é sobre esses valores que o texto será tecido. Assim, o caminho que seu texto tomará irá confirmar a expectativa de seu auditório em consonância com a imagem que ele quer reafirmar ou reelaborar de si, segundo as linhas de sua fala (AMOSSY, 2005, 142).

O discurso de posse do primeiro mandato de Lula se conduz pela analogia entre sua própria figura e a figura do povo brasileiro. Nas entrelinhas desse parágrafo lê-se que, se ele próprio pôde percorrer todo esse árduo caminho e chegar ao topo, a população também o pode, ajudada por aquele que primeiro acreditou e trilhou esse caminho.

Cada um de nós, brasileiros, sabe que o que fizemos até hoje não foi pouco, mas sabe também que podemos fazer muito mais. Quando olho a minha própria vida de retirante nordestino, de menino que vendia amendoim e laranja no cais de Santos, que se tornou torneiro mecânico e líder sindical, que um dia fundou o Partido dos Trabalhadores e acreditou no que estava fazendo, que agora assume o posto de Supremo Mandatário da Nação, vejo e sei, com toda a clareza e com toda a convicção, que nós podemos muito mais (SILVA, 2003).

Vemos que o *ethos* prévio apresenta-se no discurso de Lula como uma série de valores que o orador traz em relação a sua trajetória política e pessoal, acumulados antes da formação discursiva que ele engendra no momento. Mas lembramos que é somente do casamento entre esse *ethos* prévio ou pré discursivo, que pode rudemente ser condensado na idéia da imagem pré existente do orador, e o *ethos* discursivo, ou seja, a imagem que ele constrói de si dentro do novo discurso que produz, que nascerá a imagem final do seu projeto argumentativo (HADDAD, 2005, p.145).

Quando o orador elabora seu discurso ele deve construir, segundo Haddad (2005, p. 148), uma imagem de si que seja análoga a seu objetivo argumentativo, levando em consideração a idéia que provavelmente o auditório tem em relação a ele. Dessa maneira, o *ethos* prévio ou pré discursivo condiciona a construção do *ethos* discursivo e demanda a reelaboração das possíveis noções desfavoráveis que contribuiriam para diminuir a aceitação ao que esse orador defende.

2. A IMPORTÂNCIA DOS LUGARES NA CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DISCURSIVO

Dominique Maingueneau defende que o *ethos*, dentro da idéia de seu uso retórico é, ao mesmo tempo, um conjunto de virtudes morais que garantem a credibilidade por parte do público com respeito ao orador, e uma adaptação de dimensão social da qual o orador lança mão a fim de convencer por meio da correspondência entre sua expressão e seu caráter (2004, p.220).

Em qualquer de seus dois usos, trata-se, como dissemos acima, da imagem de si próprio que o orador tece, no caso de Lula, junto a uma equipe de articulistas, mas que não guarda relações de obrigação com sua imagem real de pessoa ou político.

Os lugares são, segundo Perelman, premissas de ordem mais geral do que aquelas apresentadas por Aristóteles nos *Tópicos*. Mas são, ainda, um arsenal indispensável à persuasão. Enquanto Aristóteles classificava os lugares do acidente, do gênero, do próprio, da definição e da identidade, Perelman os classifica como premissas que permitem fundar valores e hierarquias dentro do campo que Aristóteles classificou como do acidente (PERELMAN, 1996, p. 95)

Lula tece um discurso marcado pelo apelo ao *pathos* e pelo uso de lugares semelhantes aos que Fernando Collor lança mão em seu discurso de posse. O lugar² do “novo” prevalece sobre todos eles, uma vez que Lula é o representante da oposição no poder.

"Mudança"; esta é a palavra chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança finalmente venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos.

...Foi para isso que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República: para mudar. Este foi o sentido de cada voto dado a mim e ao meu bravo companheiro José Alencar.

...Vamos mudar, sim. Mudar com coragem e cuidado, humildade e ousadia, mudar tendo consciência de que a mudança é um processo gradativo e continuado, não um simples ato de vontade, não um arroubo voluntarista. Mudança por meio do diálogo e da negociação, sem atropelos ou precipitações, para que o resultado seja consistente e duradouro (SILVA, 2003).

Prevalecem, ainda, nessa parte da argumentação, os valores da “pessoa” e da “qualidade”. Os valores pessoais de firmeza de objetivo, de persistência e fé perpassam a figura de alguém que supostamente venceu todas as barreiras impostas pela vida e pelos preconceitos sociais e os venceu. O lugar da “qualidade” está implícito na comparação entre o orador e seu antecessor, FHC. A qualidade está na garra, na gana de viver e lutar. Seu governo aposta nisso, a esquerda aposta nisso. Por isso seu discurso enfatiza pontos mais emergenciais das populações menos favorecidas. A fome é um deles. À maneira que fez FHC com o tema da esperança, Lula apóia-se no apelo contra a fome e essa se tornará uma das bandeiras de seu governo. O discurso de posse estabelece a promessa da reforma agrária e lança, então, a campanha Fome Zero:

Num país que conta com tantas terras férteis e com tanta gente que quer trabalhar, não deveria haver razão alguma para se falar em fome. No entanto, milhões de brasileiros, no campo e na cidade, nas zonas rurais mais desamparadas e nas periferias urbanas, estão, neste momento, sem ter o que comer. Sobrevivem milagrosamente abaixo da linha da pobreza, quando não morrem de miséria, mendigando um pedaço de pão (SILVA, 2003).

O discurso de posse do primeiro mandato de Lula, tanto o que foi dirigido ao Congresso, quanto o que destinou-se ao parlatório, apóia-se em “lugares” românticos e, para isso, ancora-se em valores concretos e particulares. Os “lugares” clássicos, ao contrário, são partidários de virtudes de veracidade e de justiça, mas se baseiam em valores abstratos, universais. Por isso, apesar da emotividade que percorre as linhas de seu discurso, as construções apóiam-se, em sua maioria, em idéias que trazem um desenvolvimento prático, concreto, para os maiores problemas brasileiros. Para isso, oferece soluções e planeja estratégias de atuação:

A reforma agrária será feita em terras ociosas, nos milhões de hectares hoje disponíveis para a chegada de famílias e de sementes, que brotarão viçosas com linhas de crédito e assistência técnica e científica. Faremos isso sem afetar de modo algum as terras que produzem, porque as terras produtivas se justificam por si mesmas e serão estimuladas a produzir sempre mais, a exemplo da gigantesca montanha de grãos que colhemos a cada ano.

...Disse e repito: criar empregos será a minha obsessão. Vamos dar ênfase especial ao Projeto Primeiro Emprego, voltado para criar oportunidades aos jovens, que hoje encontram tremenda dificuldade em se inserir no mercado de trabalho. Nesse sentido, trabalharemos para superar nossas vulnerabilidades atuais e criar condições macroeconômicas favoráveis à retomada do crescimento sustentado para

a qual a estabilidade e a gestão responsável das finanças públicas são valores essenciais (SILVA, 2003).

Comparando-o com o texto de Collor, cujo peso persuasivo das palavras aproxima-se de seu pronunciamento pela intensidade, o tom de criticidade em Lula é amenizado. Discorre sobre o seu plano de governo e baseia-se sobre mudanças de enfoque nas estratégias sócio-econômicas. Nas entrelinhas se lê: meu governo será um sucesso, porque sou o primeiro governante igual a vocês. Collor é teatral, ele se afirma pelo genérico, pela imprecisão da linguagem, com ênfase sobre a mensagem visual. E as noções gerais e os esquemas abstratos não atuam muito sobre a imaginação.

O discurso de Collor, ao contrário do de Lula, utiliza-se, em geral, de esquemas abstratos, generalizações. Afora alguns termos revitalizados pelo momento político-social, o todo de seu discurso não fala às pessoas, fala ao Congresso e ao Senado, e dirige-se à comunidade de maneira generalizada, sem levar em conta as suas subdivisões em grupos, o que não acontece com Lula. Ainda que ambos trabalhem com “lugares” românticos, o discurso de Lula fala às individualidades, é emotivo, mas não se apóia no genérico, no inominável.

O que nós estamos vivendo hoje neste momento, meus companheiros e minhas companheiras, meus irmãos e minhas irmãs de todo o Brasil, pode ser resumido em poucas palavras: hoje é o dia do reencontro do Brasil consigo mesmo (SILVA, 2003).

Em seu discurso de posse de segundo mandato, dirigido ao Congresso, no entanto, os parágrafos se encurtam, a emotividade se contrai e prevalecem, ao menos no primeiro terço do texto, as construções apoiadas em dualidades, relembando aquelas pronunciadas por Collor:

É igual e diferente o Brasil; é igual e diferente o mundo; e, eu, sou também igual e diferente. Sou igual naquilo que mais prezo: no profundo compromisso com o povo e com meu país. Sou diferente na consciência madura do que posso e do que não posso, no pleno conhecimento dos limites. Sou igual no ímpeto e na coragem de fazer. Sou diferente na experiência acumulada na difícil arte de governar. Sou igual quando volto a conjugar, nas suas formas mais afirmativas, o verbo mudar, como fiz aqui quatro anos atrás. Mas sou diferente, pois, sem renegar a paciência e a persistência que aqui também preguei, quero hoje pedir, com toda ênfase, pressa, ousadia, coragem e criatividade para abrir novos caminhos. (SILVA, 2007).

Recordando que as dualidades são um instrumento de acobertamento de hiatos, em seu segundo discurso Lula não deixará de tocar em pontos muito delicados da situação política do momento. Ao fazê-lo, no entanto, ele se imiscui da contextualização dos escândalos envolvendo membros de seu pessoal de governo, por exemplo.

Apesar dos avanços científicos e tecnológicos de nosso mundo, ainda não foi inventada nenhuma ferramenta mais importante do que a política para a solução dos problemas dos povos.

Nunca o mundo viveu --como vive hoje-- um período de tão grande descrédito na política. Mas, paradoxalmente, nunca a política foi tão imprescindível. Temos no Brasil um desafio pela frente. Desafio para as forças que se identificam com este governo e para aquelas que se situam na oposição. Temos de refletir sobre nossas instituições e nossas práticas políticas. Temos de construir consensos que não eliminem nossas diferenças, nem apaguem os conflitos próprios das sociedades democráticas (SILVA, 2007).

Trechos como o que temos a seguir, presentes no primeiro discurso, dirigido ao Congresso, carrega-se de forte apelo ao *pathos* de seus ouvintes e assinala linhas que marcariam o momento historicamente, porque correspondiam ao seu jeito simples de falar, numa aproximação direta com a grande massa. Esses trechos, no entanto, quando lado a lado com o texto do segundo discurso, mostram-se bastante díspares. Vejamos o trecho do primeiro discurso:

O Brasil, nesta nova empreitada histórica, social, cultural e econômica, terá de contar, sobretudo, consigo mesmo; terá de pensar com a sua cabeça; andar com as suas próprias pernas; ouvir o que diz o seu coração. E todos vamos ter de aprender a amar com intensidade ainda maior o nosso País, amar a nossa bandeira, amar a nossa luta, amar o nosso povo.

Cada um de nós, brasileiros, sabe que o que fizemos até hoje não foi pouco, mas sabe também que podemos fazer muito mais. Quando olho a minha própria vida de retirante nordestino, de menino que vendia amendoim e laranja no cais de Santos, que se tornou torneiro mecânico e líder sindical, que um dia fundou o Partido dos Trabalhadores e acreditou no que estava fazendo, que agora assume o posto de Supremo Mandatário da Nação, vejo e sei, com toda a clareza e com toda a convicção, que nós podemos muito mais.

E, para isso, basta acreditar em nós mesmos, em nossa força, em nossa capacidade de criar e em nossa disposição para fazer. Estamos começando hoje um novo capítulo na História do Brasil, não como nação submissa, abrindo mão de sua soberania, não como nação injusta, assistindo passivamente ao sofrimento dos mais pobres, mas como nação altiva, nobre, afirmando-se corajosamente no mundo como nação de todos, sem distinção de classe, etnia, sexo e crença (SILVA, 2007).

A presença do discurso sintonizado com novas correntes positivas de pensamento, principalmente ancoradas em literatura mística e de auto-ajuda, cujo centro é sempre o eu, o indivíduo, como expressa o primeiro parágrafo acima destacado, cede lugar, no segundo discurso, a um tom mais cabisbaixo de oração. Existe, por entre as palavras dirigidas a Deus, porém endereçadas ao povo, um lamento choroso, uma súplica de confiança bem aquém daquela expressa no primeiro discurso:

Minhas Senhoras, meus Senhores,
 Reconheço que Deus tem sido generoso comigo.
 Mais do que mereço.
 Eu pedi forças... e Deus me deu dificuldades para fazer-me forte.
 Eu pedi sabedoria... e Deus me deu problemas para resolver.
 Eu pedi prosperidade... e Deus me deu cérebro e músculos para trabalhar.
 Eu pedi coragem... e Deus me deu perigos para superar.
 Eu pedi amor... e Deus me deu pessoas com dificuldades para ajudar.
 Eu pedi dádivas... e Deus me deu oportunidades.
 Eu não recebi nada do que pedi, mas eu recebi tudo que precisava
 (SILVA, 2007).

A oração cadenciada, a assertiva de que Deus lhe deu um fardo a carregar e não a vantagem da reeleição por meio dos votos da classe mais humilde, aflora no ouvinte e no leitor o sentimento de piedade, ausentes no discurso de posse do primeiro mandato. O “lugar” presente aqui é o da “pessoa” e da “originalidade”. Representante de uma classe menos favorecida, justamente a que o elegeu, Lula defende com essas palavras, uma vez mais, a idéia da origem humilde e das dificuldades que envolvem o seu caminho, sempre difícil e conturbado por conta dessa origem. A aproximação com a classe eleitora se dá pela identidade de sofrimento, de lutas. A oração, portanto, sela a união entre orador e público eleitor, enfatizando que a dificuldade em enfrentar toda a corrupção que defende estar ao seu redor, é mais uma dificuldade no seu caminho de agruras, tanto quanto o é a luta dos mais humildes pela sobrevivência. Mais uma vez o *ethos* discursivo amalgama-se ao *ethos* prévio.

Quando um julgamento resulta de nossa descoberta das semelhanças entre duas ou mais coisas, temos um exemplo de um argumento de analogia. Todo o tecido da linguagem está baseado no argumento de analogia e, se não formos capazes de distinguir as propriedades mais comuns dos padrões lógicos presentes nas experiências mais simples, nunca poderíamos desenvolver uma indução. Para completar um argumento dedutivo é necessário reconhecer os

termos que, em meio ao pensamento, demonstram um ponto de similaridade com ambas as premissas, no caso de um silogismo completo. A analogia é um meio de se atingir um julgamento, mas é, também, um caminho para se demonstrar ou provar um julgamento. O argumento dos “contrários” está proporcionalmente ligado ao argumento de analogia, porque, apesar de seu título, também trabalha com similaridades.

No primeiro dos discursos de posse de Lula, dirigido ao Congresso, no dia 01 de janeiro de 2003, prevalece uma redação melhor articulada, mais coesa. Os parágrafos se concatenam coerentemente, os pensamentos são bem desenvolvidos, quando comparados com o discurso de FHC, por exemplo. Trata-se de um discurso longo e marcado pelo tom do compromisso e das propostas para cada um dos pontos que apresenta.

O exórdio toma a extensão de 12 parágrafos que introduzem a idéia de mudança. Para isso, a comparação com o passado de riqueza com a presente extensão territorial e o potencial natural do Brasil, são as bases para o desenvolvimento dessa ideia.

A fome será o segundo tema a ser desenvolvido. Ele está ligado ao primeiro e marca a bandeira de luta de sua campanha para a presidência. Sobre esse tema se baseia toda a *narratio*, e sua argumentação defenderá os pontos que orbitam o tema, além de outros concernentes ao momento. Eis o primeiro parágrafo que inicia a *narratio*:

É por isso que hoje conclamo: Vamos acabar com a fome em nosso País. Transformemos o fim da fome em uma grande causa nacional, como foram no passado a criação da PETROBRAS e a memorável luta pela redemocratização do País. Essa é uma causa que pode e deve ser de todos, sem distinção de classe, partido, ideologia. Em face do clamor dos que padecem o flagelo da fome, deve prevalecer o imperativo ético de somar forças, capacidades e instrumentos para defender o que é mais sagrado: a dignidade humana (SILVA, 2007).

A *conclusio* concorda com os elementos apresentados na *narratio*, mas não os retoma detalhadamente. Prevalece, no desfecho desse discurso, o apelo ao *pathos*. A analogia entre seu papel de retirante e a caminhada de todo brasileiro, bem como a invocação a Deus a fim de conseguir o que almeja para a nação, reforçam a conhecida noção de que se o governante lá está, assim é por vontade de Deus. Este é um ponto comum entre todos os discursos. A novidade

em Lula é a idéia da busca de Deus dentro de si mesmo, noção longamente conhecida de fiéis, mas jamais mencionada num pronunciamento.

O discurso no parlatório, pronunciado por Lula em 02 de janeiro de 2003, traz quase um tom de conversa ao pé do ouvido. O estilo simples e informal da campanha continua em seu discurso de posse ao povo, quando ele retoma as metas governamentais que idealizou durante a campanha, logo no exórdio, porém em tom ainda informal.

Toda a *narratio* desse pronunciamento carrega o tom de *pathos*. Ela discorre sobre a história de seu partido, sobre as metas emergenciais de seu governo em relação à classe mais necessitada e termina com a retomada de sua própria história, da maneira como fez no discurso ao Congresso, porém com outros termos. Essa parte da dissertação liga-se à *propositio* anterior e infere a idéia de que se o PT teve uma caminhada de lutas e foi vencedor no Brasil, Lula, que comunga da mesma vitória, estenderá isso àqueles que lutam como ele.

O discurso é bastante curto se comparado àquele dirigido ao Congresso, e ainda se comparado ao pronunciamento de FHC ou de Collor. Ele termina enfaticamente, reafirmando seu compromisso com o fim da fome e utilizando uma linguagem inusitada nos pronunciamentos de até então. Jamais um presidente brasileiro falou com tanta intimidade aos seus ouvintes.

Podem ter a certeza mais absoluta que um ser humano pode ter, quando eu não puder fazer uma coisa eu não terei nenhuma dúvida de ser honesto com o povo e dizer que não sei fazer, que não posso fazer e que não tem condições, mas eu quero que vocês carreguem também a certeza que eu, em nenhum momento da minha vida, faltarei com a verdade com vocês que confiaram na minha pessoa para dirigir este país por quatro anos.

Tratarei vocês com o mesmo respeito que eu trato os meus filhos e os meus netos, que são as pessoas que a gente mais gosta e eu quero propor isso a vocês: amanhã, estaremos começando a primeira campanha contra a fome neste país. É o primeiro dia de combate à fome e eu tenho fé em Deus que a gente vai garantir que todo brasileiro e brasileira possa todo santo dia tomar café, almoçar e jantar porque isso não está escrito no meu programa, isso está escrito na Constituição brasileira, está escrito na Bíblia, está escrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Isso, nós vamos fazer juntos (SILVA, 2003).

O tom de proximidade dos discursos de primeiro mandato cede lugar a um tom de certo distanciamento nos discursos do segundo mandato. *Sou igual, mas também sou diferente*. Essa afirmação percorre toda a estrutura do discurso. Ela é introduzida no exórdio e será a base retórica da composição da *narratio*.

O discurso de posse do segundo mandato cumpre todos os ditames de um pronunciamento bem construído: o exórdio atrai a atenção do ouvinte quebrando, logo de início, a idéia de tudo continuar da mesma forma, já que no momento de sua posse vários de seus ministros estavam envoltos em escândalos de desvio de verba pública. A *narratio* desenvolve os pontos apresentados durante a *propositio*, por meio de argumentações bem fundamentadas, porém não mais longamente desenvolvidas, como eram no primeiro discurso ao Congresso, em 2003. Falta motivação a essas linhas que, sem deixar de cumprir seu papel de informar à Nação os passos que o governo pretende dar, é sucinta e formal, arrefecida e carente de entusiasmo.

O Brasil não pode continuar como uma fera presa numa rede de aço invisível --debatendo-se, exaurindo-se, sem enxergar a teia que o aprisiona.

É preciso desatar alguns nós decisivos para que o país possa usar a força que tem e avançar com toda velocidade.

Muito tentamos nos últimos quatro anos, mas fatores históricos, dificuldades políticas e prioridades inadiáveis fizeram com que nosso esforço não fosse inteiramente premiado. Hoje a situação é bem melhor, pois construímos os alicerces e temos um projeto claro de país a ser realizado. Precisamos de firmeza e ousadia para mudar as regras necessárias e avançar.

Não podemos desperdiçar energias, talentos, esperanças. Sei que o crescimento, para ser rápido, sustentável e duradouro, tem de ser com responsabilidade fiscal. Disso não abriremos mão, em hipótese alguma. Mas é preciso combinar essa responsabilidade com mudanças de postura e ousadia na criação de novas oportunidades para o país (SILVA, 2007).

No discurso de primeiro mandato, Lula revela uma elaboração cuidadosa do texto, bem como um equilíbrio que, em primeiro lugar, comprova a evolução das estruturas semânticas e sintáticas. O uso dos adjetivos, porém, se faz tímido no primeiro discurso dirigido ao parlatório e mais acentuado no segundo, dirigido a toda a Nação, provavelmente por razão da presença, neste segundo pronunciamento, de um apelo ao *pathos*, muito parecido com aquele veiculado pelo discurso de Fernando Collor. A hierarquia dos auditórios é o que define o peso do uso de certos argumentos no segundo discurso, em detrimento do mesmo uso no primeiro.

Mais uma vez, o orador é o centro ou origem do sentido dentro de seu pronunciamento. Ainda que numa proporção inversa à de FHC, Lula também carrega um *ethos* prévio, impresso sobre características mais aceitas pela grande

maioria marginalizada da população, as quais Lula enfatiza durante seu pronunciamento quando fala de suas origens e dos caminhos tortuosos que percorreu para chegar até a Presidência da República. Essas imagens são, como dissemos, construções que se forjam e que muito auxiliam na produção de um estereótipo que se quer vendável, aceito.

Como criador de expressões como “maracutaia”, para se referir a transações ilícitas ou “picareta”, com relação aos políticos do Congresso Nacional, Lula jamais foi ouvido. Foi preciso modificar sua postura, seus trajés, seus gestos e, principalmente, seu código lingüístico. É essa a nossa ideia de construção de um *ethos* prévio somado ao *ethos* discursivo com relação à figura de Lula. O produtor, inventor de expressões, transmuta-se no reprodutor de outros discursos, que no segundo mandato se veste com outras “roupas” para permitir o acobertamento de alguns hiatos políticos.

CONCLUSÃO

Quando Geisel incorporou ao seu vocabulário expressões como distensão e abertura, as quais remetiam a noções de liberdade, de amaciamento do regime, ele o fez a fim de atender a um apelo constante da opinião pública da época que pedia o relaxamento do autoritarismo dos militares, ainda que apenas linguisticamente. Geisel foi o 4º governo militar após o golpe. Em termos de dureza discursiva, os pronunciamentos de Médici e Geisel apresentavam-se muito mais embativos que o de Castelo Branco, o primeiro dos governantes militares brasileiros, cuja formação se mostrava mais liberal, ao contrário dos outros que o seguiram.

Portanto, há que se notar que os discursos de posse são, além de termômetros ou instrumentos de constatação sobre os rumos que tomará um governo, ainda que verificável apenas em suas entrelinhas e nos seus elos com a realidade que o circunda no momento, uma desembocadura, um fluir de águas que corriam muito antes de serem escritos e que continuarão a correr, caso nenhuma mudança brusca se dê no caminho.

Algumas características textuais, já no primeiro discurso de Lula, corroboram com essa afirmação. Lula, como adversário de FHC, era portador de

uma bandeira marcadamente inversa à de Fernando Henrique, como a preocupação com a classe trabalhadora. FHC se portava mais como um político preocupado com as relações externas e com valores taxadamente comuns em discursos políticos, como a saúde, educação, etc., representados durante a campanha de 2002, pela mão aberta, em alusão às cinco prioridades básicas de seu governo. Expondo assim, haveria alguma dúvida sobre as diferenças discursivas entre seus pronunciamentos? Pela lógica desse entendimento tais pronunciamentos seriam extremamente contrapostos, contrários.

Para a surpresa de muitos de nós, a *elocutio* em Lula não difere absolutamente da mesma construção em FHC. Isso se dá pela identidade no uso comedido da adjetivação, por exemplo. Outro aspecto desse paralelismo entre eles está na presença marcante de substantivos abstratos. São 65% de substantivos abstratos contra 35% de concretos no 1º discurso de Lula, o que se mostra como um fator caracterizador dos discursos conservadores, como observamos ocorrer com FHC. No segundo discurso, Lula permanece enfatizando o uso dos abstratos. São 60% de ocorrências de substantivos abstratos e 40% de concretos.

Podemos verificar dentro da trajetória de discursos de posse que um fator primordial de mudança, de desenvolvimento entre eles, medindo-os pela sua ordem crescente de tempo, é a atualidade de seus temas.

Os novos discursos políticos têm a função de reciclar as idéias dos discursos anteriores, atualizar as opiniões, como numa vitrine de *shopping-center*, sempre modernizada para não cansar os olhos dos transeuntes. A persuasão, portanto, opera como reciclagem de opiniões (BELLENGER, 1987). Na verdade, existe uma *vontade de tutela*, todos querem alguém que cuide de nós. Ao dizer algo como *eu farei por vocês o que é melhor para vocês*, Collor agia como os pais fazem com os filhos.

Este tipo de fenômeno comumente ocorre em meio a populações carentes, maltratadas, onde a idéia de coletividade inexistente na decisão do voto. O grande descaso dos poderes públicos já faz parte da história brasileira, por isso as pessoas não se sentem também consideradas e respeitadas.

Considerando que a montagem do discurso político associa o condicionamento psicolingüístico aos estratagemas abordados durante essa análise, o que vemos acontecer é um direcionamento das massas, uma

readaptação de antigas maneiras de se governar, orientada pelas tendências de identificação do momento vivido pela população. Lembramos que essa identificação também precisa se dar em relação ao orador, como vimos anteriormente, a fim de que ele alcance a aceitação desse público.

Isso implica em afirmar que “a construção do auditório passa necessariamente por um processo de esteriotipagem” (AMOSSY, 2005, p. 126). A adaptação do orador à sua apresentação própria percorre, em primeiro lugar, o rol de valores que o seu público alvo valoriza.

Voltando no tempo, ao período das ditaduras militares brasileiras, de Castello Branco a Geisel, símbolos da polícia armada havia, por parte do público, somente a expectativa da força, e não do diálogo. Por isso, seus discursos são empedernidos e áridos, ainda que em Geisel possamos verificar uma ligeira mudança discursiva, como analisamos anteriormente.

Sarney nos brinda com o seu quinhão de poeta em seu discurso de posse, mas na essência, ele também devolve à população o que ela queria: a esperança de ter Tancredo em seu lugar. E o seu pronunciamento de posse trabalha basicamente essa esperança.

Geisel e Figueiredo deram início ao processo de transição de regimes, ou seja, iniciaram o processo de *distensão* e de *política de abertura*, respectivamente, por uma única razão: a economia, após o período do milagre econômico de 1968 a 1974 começava a perder terreno e entrar numa profunda depressão.

Collor, por meio de uma linguagem atualizada, promove no leitor um retorno à casa paterna, acolhe os eleitores com o respeito que não existia no discurso militar. É soporífero em suas longas linhas e diferencia-se dos discursos anteriores pela atualidade e pela promessa de um respeito há muito almejado pelos brasileiros.

“Os discursos de posse dos presidentes brasileiros têm um grande papel motivacional dentro da história do País. Eles são responsáveis pela tentativa de reacender a chama em todo recomeço de mandato. Talvez por ser a nossa uma nação jovem e muito carente cultural e institucionalmente, os discursos de posse aqui funcionem com uma importância muitas vezes superior ao racionalismo das eleições” (FERNANDES, 2002, p.188).

Se há implicações sociológicas para esse comportamento, aqui não nos cabe analisá-las. O que nos prende o interesse é o valor que a palavra inaugural

de um Presidente pôde e pode despertar na população de um país inteiro. Em todos os discursos de posse havia uma característica oportuna para ser explorada no momento, como força de palavra. A maioria dos presidentes e suas equipes de apoio souberam utilizá-las muito bem por meio da conjunção entre a imagem que se tem do orador antes e durante a elaboração de seu discurso.

THE ROLE OF THE PRIOR ETHOS IN LULA'S PRESIDENTIAL INAUGURAL ADDRESSES

ABSTRACT

Making use of rhetorical resources Lula supports his two presidential addresses texts (2003 and 2007) mainly on places like the “new”, the “person” and the “quality”, . In each one of them one can observe the use of prior *ethos* which, summed up to the use of the “places”, as well as to the *pathos* resource, reelaborates the nowadays image about himself and produces the final discursive ethos that aims to convince the auditory through the credibility it evokes. The news is in concluding that so different types of addresses as the FHC's and Lula's are not analytically divergent, once their basis are supported on common characteristics like the excessive use of abstract substantives. What makes them look like completely different is the work with nowadays issues that, together with the use of the prior ethos, results on an actual and remodeled approach on the orator.

Keywords: Places. Inaugural addresses. Prior *ethos*. Discursive *ethos*.

NOTAS

- ¹ Mestre e doutora em Letras pela Unesp-Ibilce (São José do Rio Preto/SP). Professora FAECA-Dom Bosco, de Monte Aprazível/SP.
- ² Lugares são premissas de ordem geral que permitem fundar valores e hierarquias. Perelman acredita que esses lugares são premissas que intervêm para justificar a maior parte de nossas escolhas (PERELMAN, 1996, p.95)

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. D.F. da Cruz; F.Komesu; S. Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Trad. A. P. de Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
- BELLENGER, L. *A persuasão*. Trad. W. Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- BRANCO, H. A. C. *Discursos*. Brasília: Secretaria da Imprensa, 1964.
- CARDOSO, F.H. *Discurso de Posse do Presidente da república Fernando Henrique Cardoso no Congresso Nacional*. Brasília: Secretaria de Comunicação Social, Subsecretaria de Imprensa e Divulgação, 1995.
- _____. *Pronunciamento do Excelentíssimo Sr. Presidente da República*. Brasília: Congresso Nacional, 1999.
- COLLOR de Melo, F. *O projeto de reconstrução nacional*. Brasília, 1990.
- FERNANDES. *Aspectos retóricos e literários dos discursos presidenciais de posse (1964-1990)*. Tese (doutorado), Universidade Estadual Paulista/Ibilce, São José do Rio Preto, 2002.
- FIGUEIREDO, J. B. *Discurso Presidente João Figueiredo*. Brasília: Secretaria da Imprensa, 1979. V. 1.
- GEISEL, E. *Saudação ao povo brasileiro*. Brasília: Secretaria de Imprensa, 1974.
- MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da análise do discurso*. Trad.: Márcio V. Barbosa, Maria E. A. T. Lima. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A Propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Péricles Cunha. Campinas: Unicamp, 1997.
- PERELMAN, C.; TYTECA, L. *O Tratado da argumentação - A nova retórica*. Trad. M. E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- SARNEY, J. *Discurso inaugural*. Brasília: Secretaria da Imprensa, 1985.
- SILVA, L. I. L. da. *Discurso de Posse do Presidente Luís Inácio Lula da Silva no Congresso Nacional*. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=2296>

_____. *Discurso de Posse do Presidente Luís Inácio Lula da Silva no Congresso Nacional.* Brasília, 2007. Disponível em:

<http://www.fenecon.org.br/DiscursoLula2007.pdf>

_____. *Discurso de Posse do Presidente Luís Inácio Lula da Silva no Parlatório.* Brasília, 2003. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44292.shtml>

_____. *Discurso de Posse do Presidente Luís Inácio Lula da Silva no Parlatório.* Brasília, 2007. Disponível em:

<http://www1.folha.uo.com.br/folha/brasil/ult96u88201.shtml>